

PAYNE, Tom (Thomas Payne, Lomas de Zamora, 1914; 1996). Diretor. Sabe-se muito pouco sobre Payne. Provavelmente sua família de origem galesa imigrou para a Argentina durante a expansão dos serviços ferroviários, instalando-se na zona campestre de Lomas de Zamora, hoje integrada na grande Buenos Aires. Em 1930, foi para a Inglaterra para um curso de pintura. Aos 23 anos começou a trabalhar nos estúdios de cinema como figurante. Ao fim da Segunda Guerra Mundial, com oito anos de trabalho, chegou à posição de assistente de produção de *Caesar and Cleopatra* (1945), dirigido por Gabriel Pascal, e, em 1948, assistente de produção de *Os sapatinhos vermelhos/The red shoes*, dos diretores Michael Powell e Emerich Pressburger. Segundo Afrânio Catani, teria trabalhado no teatro como assistente na montagem de *Nossa cidade/Our town*, de Thornton Wilder, estrelado por Vivien Leigh, a mesma de *Caesar and Cleopatra*. A carreira no cinema inglês o credenciou a vir ao Brasil quando Alberto Cavalcanti começou a reunir a equipe de técnicos e aspirantes a diretor que trouxe para a Cia. Vera Cruz. Chegou a São Paulo em 1950, começando como assistente na primeira produção, *Caiçara*.

Sua primeira direção foi em *Terra é sempre terra*, filme baseado na peça teatral de Abílio Pereira de Almeida, *Paiol velho*. Dentro da irregularidade da sua carreira e da sujeição por que passou a outros diretores, pode-se afirmar que os nomes de Cavalcanti e de Almeida na concepção desta película são como co-direções. *Terra é sempre terra* tem um tema puramente “abiliano”, o mote do jogo, presente também no filme seguinte de Payne, *Ângela*. Por outro lado, o caráter de documentação de certas atividades como o trabalho e o folclore pertencem ao universo de Cavalcanti. A história do filme gira em torno da família de Tônico (Abílio Pereira de Almeida) e Lina (Marisa Prado), administrador da fazenda de café “Paiol Velho”, e da família proprietária, representada por João Carlos Marcondes (Mário Sérgio). João Carlos vive para o jogo. Namorado de Dora (Eliane Lage), tem a promessa de casamento e de trabalho na indústria têxtil do seu pai. Mas, querendo retomar a fazenda, ele se muda para o “Paiol Velho”. Em pouco tempo é o amante de Lina e perde todo o dinheiro que consegue no jogo. Derrotado, ele volta para São Paulo, enquanto Tônico consegue comprar a fazenda com o dinheiro que acumulou com desvios e roubos. Porém, no dia da passagem da escritura, ele morre de um ataque cardíaco. Lina, grávida de um filho rejeitado por João Carlos, assume a fazenda. Neste melodrama há muitos momentos expressivos como a primeira seqüência, o acordar de Tônico e Lina para o dia de trabalho, quando ficam claros os problemas do casal. Outra é a dos ferreiros malhando ferro em brasa, em que o trabalho se mistura com o som ritmado das batidas na bigorna e no ferro em brasa, de alta plasticidade. A película foi lançada em 4/4/1951 pela distribuidora Universal Pictures, num circuito de 14 cinemas de São Paulo.

Com *Ângela* percebe-se como *Terra é sempre terra* é algo excepcional na curta carreira de Tom Payne como diretor. Baseado no conto de E.T.A. Hoffman, “Sorte no jogo”, a fita não esconde as preocupações temáticas de Abílio Pereira de Almeida, que trabalha como ator (Gervásio), e aparece nos créditos como co-diretor. Rodadas em externas no Rio Grande do Sul (Pelotas e Santo Ângelo), numa propriedade rural, narra os problemas financeiros de uma família decadente. Contada em *flash-back*, mostra como

Gervásio perdeu tudo no jogo, inclusive o dote da enteada Ângela (Eliane Lage). Dinarte (Alberto Ruschel) passa a comprar os débitos de Gervásio no cassino dirigido por Gennarino (Luciano Salce), inclusive o dote. A família transforma-se em dependente de Dinarte, enquanto Ângela se apaixona por ele. Depois do casamento e do pedido de Ângela para que não mais jogasse, Dinarte começa a ser derrotado no jogo, perdendo tudo que ganhara. Diante da situação, Ângela tenta o suicídio. Dinarte vê a esposa agonizante e achando que ela morreria, também tenta se suicidar. Mas Ângela consegue salvá-lo. O filme é mal interpretado pelo par central que tem contra si, ainda, a dureza dos diálogos que tenta imitar a fala gaúcha, só conseguindo um português correto de dura entonação. A mão de Cavalcanti no roteiro se encontra nas intervenções de Vanju (Inesita Barroso), que por meio das canções faz comentários sobre os casais envolvidos na trama (recurso que usaria mais tarde, com a mesma Inesita, no seu filme *Mulher de verdade*). Payne copia o filme de Alfred Hitchcock *Quando fala o coração*/Spellbound na seqüência do delírio de Ângela, fazendo uso da câmera subjetiva e do onírico. *Ângela* foi lançada em São Paulo em 15/8/1951, num circuito de 11 cinemas.

O último filme de Payne na Vera Cruz foi *Sinhá Moça*, em co-direção com Osvaldo Sampaio. Baseado no livro de Maria Dezzone Pacheco, tem o par central em Eliane Lage (Sinhá Moça) e o galã Anselmo Duarte (Rodolfo). Filme de reconstituição histórica ao estilo de superproduções como *E o vento levou*/Gone with the wind, passa-se no final do período escravocrata. Rodolfo é um advogado anti-escravagista que age como o zorro dos filmes norte-americanos, por quem Sinhá Moça se apaixona. A narrativa convencional foi lançada em 11/5/1953, com distribuição da Columbia Pictures num circuito de 26 cinemas. Indicado para o Festival de Cannes de 1953, recebeu o Leão de Bronze. No Festival de Berlim, uma Menção Honrosa.

Com a falência da Vera Cruz, Payne voltou a filmar somente em 1956 com *Arara vermelha*. Adaptado de um romance de José Mauro de Vasconcelos, a história gira em torno de um grupo que foge de um garimpo com um diamante precioso, o “arara vermelha” do título. Perseguidos por um policial, Anselmo Duarte, contratado para recuperar a pedra, os acontecimentos farão com que todos acabem morrendo pela ambição desmesurada. Filmado em locações no litoral paulista, o filme foi um fracasso do qual o galã Duarte procura esquecer, pouco se referindo a ele. Depois disso, a carreira de Payne se encerrou. Trabalhou como ator em *Curuçu, o terror do Amazonas*/Curuçu, the beast of the Amazon, de Curt Siodmak. Tentou a TV com Eliane Lage, mas fracassou. Passou a viver no litoral de São Paulo, no Guarujá, como empreiteiro e antiquário. Foi casado por 14 anos com a atriz Eliane Lage.

JOSÉ INACIO DE MELO SOUZA

2 laudas, 1047 palavras, 5275 caracteres, 6 parágrafos, 87 linhas.

Filmografia: Terra é sempre terra, Ângela, Sinhá Moça, Arara vermelha.